

por outro lado, que Afonso Arinos de Melo Franco não procure reeditar seu *O índio brasileiro e a revolução francesa*, no qual há excelente capítulo sobre a “presença” brasileira no pensamento do criador da *Utopia*.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\* \*

MÜLLER (Nice Lecocq). — *O fato urbano na bacia do rio Paraíba, Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia, 1969. 376 págs.

Torna-se difícil e, paradoxalmente, bastante fácil apreciar uma obra como a que se nos defronta. No que se refere à metodologia e técnicas de pesquisa nota-se domínio absoluto da autora tanto no lastro bibliográfico como na solução dos obstáculos surgidos com os trabalhos de campo. O texto, excelentemente redigido, nada deixa a desejar. Os gráficos e ilustrações entrosam-se com o texto, e o plano e a estrutura estão coesos. Sob a perspectiva que interessava à pesquisa, isto é, precisar a centralidade e a hierarquia do fato urbano, o capítulo sobre a “paisagem urbana” poderia ser perfeitamente dispensado. Não que esteja mal desenvolvido, mas porque em quase nada contribui para a elucidação da temática proposta, e o leitor especializado sente que esta parte representa uma ruptura no desenvolvimento da obra. Talvez seja a concessão da autora aos padrões clássicos dos estudos urbanos. Evidentemente, a contribuição de Nice L. Müller assume importância ímpar na literatura geográfica brasileira, podendo ser citada como um dos modelos mais completos. A sua importância não fica restrita somente ao âmbito nacional, mas pode ser comparada aos melhores estudos regionais sobre a geografia urbana. Nesta perspectiva, constitui importante contribuição brasileira à geografia mundial, com amplos méritos, e bem acima do “crédito de um esforço honesto”, que a autora modestamente solicita.

ANTÔNIO CRISTOFOLETTI

\* \*  
\* \*

STADEN (Hans). — *Viagem ao Brasil*. Tradução e prefácio de Alberto Loefgren; nota preliminar de Afrânio Peixoto e notas de Teodoro Sampaio. Rio de Janeiro. Edições de Ouro (1968). 294 págs.

O interessante livro de Hans Staden, curiosa figura de militar e aventureiro que esteve algum tempo no litoral do Brasil, ora servindo na sua profissão, ora como prisioneiro de índios, foi publicado originalmente em 1557. Certamente foi o primeiro livro publicado sobre o Brasil, pois o que se conhece de data anterior não passa de pequenas notícias no mais das vezes deixadas pelos primeiros viajantes. O livro alcançou êxito na Europa, tendo tido numerosas reedições, sendo mesmo traduzido para diversas línguas logo após seu aparecimento. Todavia, só em 1892, mais de trezentos anos após sua publicação, é que ele foi divulgado no

Brasil, em tradução de Alencar Araripe, publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 55, parte I: Não sendo uma tradução direta, mas tradução da edição francesa de Ternaux Compans, deixou muito a desejar. Só em 1900, graças a Alberto Loeffgren, eminente botânico que vivia em São Paulo, foi publicada uma tradução direta do original alemão de Marpurgo. Editou-a o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, num opúsculo comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Trazia anotações de Teodoro Sampaio, procurando esclarecer certas dúvidas do texto alemão e corrigir certas falhas do autor. Esta edição serviu de base para a edição da Academia Brasileira de Letras, publicada em 1930, por iniciativa de Afrânio Peixoto. Pouco antes (1926) Monteiro Lobato publicara sua tradução “ordenada literariamente”, mas omitindo várias partes da obra. Teve, entretanto, o mérito de chamar a atenção para o primeiro livro publicado sobre o Brasil, uma vez que a edição de 1900 já era considerada esgotada. Mais ainda: o grande escritor paulista, escrevendo uma adaptação infantil da curiosa história de Hans Staden, contribuiu consideravelmente para divulgar suas aventuras, tornando o pobre alemão um herói familiar a toda a juventude de uma certa época. Cumpre lembrar que, também, a edição de Loeffgren não apresentava o texto integral de Hans Staden. Só em 1942, por iniciativa da Sociedade Hans Staden, de São Paulo (uma benemérita instituição de estudos teuto-brasileiros), foi a obra do famoso artilheiro publicada numa edição realmente integral. E’ pena que este volume da Sociedade Hans Staden não tenha sido reeditado. Para a sua edição popular, Edições de Ouro utilizaram o texto da Academia Brasileira, o qual, embora não seja o melhor, vale, contudo, para tornar acessível aos leitores de hoje este clássico do Brasil quinhentista. Aliás, não devem ser regateados louvores a essa editôra pelo excelente trabalho de divulgação de obras há muito esgotadas.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

SALVADOR (José Gonçalves). — *Cristãos-novos, jesuítas e Inquisição: aspectos de sua atuação nas Capitânicas do Sul, 1530-1680*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Pioneira. São Paulo. 1969. 222 págs. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

E’ bem conhecida a importância do papel que tiveram numerosos cristãos-novos na vida econômica das chamadas “capitânicas de cima”. Preferindo enfocar em seu trabalho a situação nas capitânicas “de baixo”, o autor optou pelo aspecto mais ignorado, mas também o mais difícil, de um tema que vem, ultimamente, interessando numerosos historiadores e estudiosos da História do Brasil. Com efeito, nada menos de três importantes pesquisas sobre o assunto foram levadas a efeito, nestes últimos anos, por autores ligados direta ou indiretamente ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, pesquisas que, longe de se conflitarem ou repletirem-se, completam-se para a compreensão de um dos temas mais empol-